

CAPTURAS SUBJETIVAS NO INTERIOR DO LABIRINTO CORPORATIVO: UMA ANÁLISE FÍLMICA A PARTIR DE "RUPTURA"

SUBJECTIVE CAPTURES INSIDE THE CORPORATE LABYRINTH: A FILM ANALYSIS FROM "RUPTURE"

Sérgio Dias Guimarães Junior¹

Adrielle Máximo de Jesus Santos²

Adrielly da Silva Duarte³

Camila Vitória Cantarino Lopes da Silva⁴

Isabelle Cardoso Fernandes da Costa⁵

Júlia dos Santos de Araújo⁶

¹ Psicólogo, mestre e doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor substituto do Departamento de Psicologia Social da UFRJ e professor do curso de graduação em Psicologia da Universidade Estácio de Sá (UNESA)

^{2,3,4,5,6} Aluna do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Resumo: Buscou-se analisar criticamente as relações entre neoliberalismo, trabalho e subjetividade a partir da obra audiovisual "Ruptura", lançada em 2022. Para tal, foi realizada análise fílmica articulada a contribuições teóricas da sociologia do trabalho, da psicologia do trabalho e do campo da Saúde do/a Trabalhador/a. Entre os temas abordados, destacam-se formas de captura subjetiva próprias à racionalidade neoliberal; desafios e possibilidades de resistência no trabalho contemporâneo; e modos como os 'saberes psi' podem representar um instrumento para a continuidade e efetivação do projeto neoliberal.

85

Palavras-chave: Trabalho; Neoliberalismo; Subjetividade; Precarização do Trabalho; Saúde do Trabalhador.

Abstract: The objective was to critically analyze the relationships between neoliberalism, work and subjectivity based on the audiovisual work "Ruptura", released in 2022. To this end, a film analysis was carried out articulated with theoretical contributions from the sociology of work, work psychology and the field of Worker's Health. Among the topics covered, forms of subjective capture typical of neoliberal rationality stand out; challenges and possibilities of resistance in contemporary work; and ways in which 'psi knowledge' can represent an instrument for the continuity and implementation of the neoliberal project.

Keywords: Work; Neoliberalism; Subjectivity; Precarious Work; Worker's health.

Resumen: El objetivo fue analizar críticamente las relaciones entre neoliberalismo, trabajo y subjetividad a partir de la obra audiovisual "Ruptura", estrenada en 2022. Para ello, se realizó un análisis fílmico en conjunto con aportes teóricos desde la sociología del trabajo, psicología del trabajo y el ámbito de la Salud del Trabajador. Entre los temas tratados destacan formas de captura subjetiva propias de la racionalidad neoliberal; desafíos y posibilidades de resistencia en el trabajo contemporáneo; y formas en que el "conocimiento psi" puede representar un instrumento para la continuidad e implementación del proyecto neoliberal.

Palabras clave: Trabajo; Neoliberalismo; Subjetividad; Trabajo Precario; Salud del trabajador.

Introdução

Em entrevista concedida ao jornal inglês Sunday Times em 1979, Margareth Thatcher afirmou que, nos planos para efetivação dos interesses

86

GUIMARÃES-JUNIOR, S.; SANTOS, A.M.J.; DUARTE, A.S.; SILVA, C.V.C.L.; COSTA, I.C.F.; ARAÚJO, J.S. *Capturas subjetivas no interior do labirinto corporativo: uma análise fílmica a partir de "ruptura"*. R. Laborativa, v. 13, n. 2 p. 85-115, out./2024. <http://ojs.unesp.br/indexphp/rlaborativa>

de seu governo, “a economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma”. Tal assertiva expõe nitidamente que os ditames econômicos - enquanto “método”, ou seja, como caminho para o alcance de determinada finalidade - não são o suficiente e que outras instâncias deveriam ser mobilizadas - a economia psíquica, portanto, nas figuras do “coração” e da “alma” - para a efetivação e fortalecimento do projeto capitalista neoliberal. Nesse sentido, o *modus operandi* concorrencial e a gestão empresarial de si, como elementos próprios da constituição do sujeito neoliberal (Dardot e Laval, 2016a), representam fatores-chave para o alcance desses objetivos e seus desdobramentos concretos encontram nos contextos trabalhistas um terreno fértil para sua manifestação.

De acordo com as contribuições de Marx (1867), o trabalho é a transformação consciente da natureza, aptidão comum a todos os humanos que os diferencia dos demais seres vivos. É pelo trabalho que os sujeitos revelam a humanidade ao se reconhecerem como criadores. Nota-se que “agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele [o sujeito] modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza” (Marx, 1867, p. 256). Em outras palavras, trata-se da então capacidade de ‘práxis’.

Existem diferenças entre o que se entende como ‘emprego’ e ‘trabalho’ com base na interpretação marxista. Uma delas é que o emprego tem como propósito último ganhar um valor material, enquanto o trabalho não necessariamente tem esse objetivo – como o trabalho voluntário. Contudo, essas duas concepções se confundem, tendo em vista que o emprego privilegia, na maior parte, a venda da força de trabalho que tem estatuto de mercadoria. O trabalho, logo, tem um duplo caráter: um de auto-gênese e outro de subordinação ao capital.

Portanto, Marx, em *O Capital* (1867), analisa que sob o sistema capitalista – em que o processo produtivo tende a ser fragmentado – o trabalho tornou-se repetitivo e sem sentido, fazendo o (a) trabalhador (a) se alienar de suas atividades, reduzindo-o apenas à força de trabalho. Essa perspectiva oferece uma base para entender as dinâmicas contemporâneas estabelecidas pelo neoliberalismo, onde as transformações econômicas e sociais têm influenciado ainda mais a

relação entre o sujeito e seu trabalho.

O trabalho, então, passou a regular não só trocas comerciais ou relações laborais. Muito mais do que um mero condutor desses intercâmbios monetários, o neoliberalismo exerce controle sobre as (re)produções ideológicas e subjetivas da vida. Para além das concepções de Estado mínimo e da crença de autorregulação do mercado, o capitalismo neoliberal concebe uma reconfiguração do próprio Estado: ele é minimizado em suas funções de proteção social e garantia de direitos, enquanto é maximizado em seu papel de agente econômico criador de condições propícias para o funcionamento do mercado. O Estado se tornou uma empresa. A maximização do lucro, a redução de despesas e a competitividade ocupam posições centrais dentro da nova 'governamentalidade neoliberal' (Dardot e Laval, 2016a), tornando inviável a anterior proposta do Estado de bem-estar social que, de modo geral - e ainda mais especificamente na realidade brasileira-, nunca se concretizou.

Sob esse viés, os serviços sociais, como educação e saúde, anteriormente fornecidos pelo Estado, foram gradativamente transferidos para o setor privado e percebidos não mais como direitos fundamentais, e sim como responsabilidades individuais. Agora, a capacidade de assumir o papel do Estado, de se auto-gerenciar, tornou-se uma condição essencial para a sobrevivência. O cerne dessa dinâmica reside na maneira como esses princípios foram internalizados nos sujeitos, a ponto de se observar o que poderia ser considerada como uma forma específica de pensamento desta nova era: a chamada racionalidade neoliberal (Dardot e Laval, 2016a). Agora, não apenas o Estado é administrado como uma empresa, mas os próprios indivíduos adotam essa perspectiva sobre si. Traços característicos do mundo corporativo são progressivamente mais integrados à subjetividade humana. A competitividade e a concorrência se traduzem em uma constante sensação de insuficiência e autocobrança. Essa racionalidade extrapola os espaços corporativos e se instaura na psique dos (as) trabalhadores (as). A responsabilidade pelo sucesso e pelo fracasso cabe exclusivamente aos indivíduos, eximindo o Estado de responsabilidades no combate às desigualdades sociais.

Com base nessas proposições e considerando a categoria 'trabalho'

em sua condição fundamentalmente social e ontológica, o presente artigo busca analisar criticamente as relações entre neoliberalismo, trabalho e subjetividade a partir da obra audiovisual "Ruptura" e à luz de contribuições provenientes da sociologia do trabalho, da psicologia do trabalho e do campo da Saúde do (a) Trabalhador (a) no Brasil. A série em questão aborda, fundamentalmente, o trabalho alienado, as formas de captura subjetiva no seio da arena laboral, e a relação desentrosada entre vida profissional e vida pessoal em uma realidade de trabalho específica.

Este artigo segue uma estrutura de forma que, em primeiro lugar, será introduzida uma contextualização acerca da série escolhida, expondo o enredo e ambientação e, a partir disso, promoverá articulações entre o trabalho vivenciado pelas personagens na ficção e o arcabouço conceitual intrínseco aos referenciais teóricos utilizados na construção do presente texto. Em seguida, serão evidenciados elementos constituintes da atual morfologia do mundo do trabalho sob a égide do neoliberalismo com destaque para o caráter estruturante da chamada racionalidade neoliberal na produção de subjetividade e, marcadamente, sua influência nodal sobre a implementação de práticas de violência, assédio e adoecimento psíquico como modelo de gestão. Posteriormente, serão apresentados argumentos e reflexões a respeito do papel do (a) psicólogo (a) no ambiente laboral, frequentemente acompanhado de conflitos de ordem moral, ideológica e ético-política. Por fim, considerações serão feitas sobre a demanda social de enfrentamento e rompimento com as ideologias predominantes no contexto laboral, questionando, ainda, qual a participação do (a) psicólogo (a) nesse embate.

Método

Para atingir os objetivos previamente definidos, realizou-se uma análise fílmica (Vanoye, 2006) articulada a reflexões de cunho teórico com contribuições provenientes da sociologia do trabalho, da psicologia crítica do trabalho e do campo da Saúde do (a) Trabalhador (a).

De acordo com Leite et al. (2021), a análise fílmica constitui um método qualitativo contextualizado que toma como ponto de partida e chegada uma obra audiovisual. Por se tratar de uma metodologia baseada

em interpretações e inferências por parte do (a) pesquisador (a), Vanoye (2006) afirma que não há um único modo de realizá-la, porém há elementos importantes que devem ser levados em conta para sua realização. Segundo Bauer e Gaskell (2000), os processos de decomposição e reconstrução do material audiovisual são etapas relevantes para a análise fílmica: enquanto o primeiro presume uma separação e fragmentação dos conteúdos da obra com a finalidade de observá-los com mais atenção para descrevê-la, o segundo estabelece uma interpretação desses diferentes fragmentos de modo articulado, com base em referenciais teóricos e categorias conceituais estabelecidas de acordo com os objetivos de pesquisa.

Nesse sentido, no caso do presente artigo, a escolha pela obra audiovisual *Ruptura* (2022) se deu pelo fato dessa série reunir aspectos relevantes que caracterizam as dinâmicas laborais sob a égide neoliberal. Elementos presentes na obra (como cenas, falas e imagens) representam uma potente alegoria da morfologia das formas de trabalho precarizado na atualidade, assim como provocam importantes reflexões acerca da relação entre trabalho-subjetividade em ambientes corporativos.

Com base nesses apontamentos, as autoras do estudo em questão assistiram aos episódios da série e posteriormente se reuniram para elencar fragmentos de maior relevância e temas de maior recorrência. Tal fragmentação foi realizada com a finalidade de observar os conteúdos com mais atenção e profundidade, destacando aspectos do enredo que mais se aproximavam da relação trabalho-subjetividade, objetivo do presente artigo. Em etapa posterior, foi empreendido o processo de interpretação desses respectivos fragmentos de modo que seus conteúdos fossem articulados com conceitos teóricos e noções advindas especificamente da sociologia do trabalho, da psicologia crítica do trabalho e do campo da Saúde do (a) Trabalhador (a).

Entrando na Ruptura

Ruptura (2022), desenvolvida pela Apple TV+, com direção de Ben Stiller e Aoife McArdle, retrata a história de Mark e seus colegas de trabalho, explicitando seu cotidiano laboral na misteriosa empresa Lumon. Apesar de à primeira vista parecer uma organização como qualquer outra, a corporação possui uma exigência peculiar aos seus funcionários: a

90

GUIMARÃES-JUNIOR, S.; SANTOS, A.M.J.; DUARTE, A.S.; SILVA, C.V.C.L.; COSTA, I.C.F.; ARAÚJO, J.S. *Capturas subjetivas no interior do labirinto corporativo: uma análise fílmica a partir de "ruptura"*. R. Laborativa, v. 13, n. 2 p. 85-115, out./2024. <http://ojs.unesp.br/indexphp/rlaborativa>

submissão a um procedimento cirúrgico – que dá nome à série – a fim de separar as memórias da vida profissional e da vida pessoal. Dessa maneira, quando os funcionários estão na empresa – chamados de ‘internos’ – não possuem acesso às lembranças da vida pessoal e, quando saem do trabalho – chamados de ‘externos’ –, não conseguem lembrar o que ocorreu no interior da empresa. Ao chegarem na empresa, as versões externas guardam objetos pessoais, como celulares, no armário e entram no elevador. Nesse momento, a versão interna de cada um recupera a consciência e, após o expediente, acontece o oposto: as versões internas entram no elevador, momento em que a consciência externa assume o controle. As versões internas retornam ao trabalho no próximo turno sem perceber a passagem do tempo, pois não têm a experiência do lado externo. O tempo para eles é abstrato e o trabalho contínuo, privando-os de qualquer controle sobre o seu fazer.

Mark e seus colegas trabalham no setor de Refinamento de Macrodados, todavia é um mistério o que são esses macrodados e como são refinados. Eles apenas encaram a tela do computador por horas, realizando um trabalho monótono e repetitivo com o único objetivo de atingir determinada meta, a ponto de terem dificuldades de definir e explicar o seu próprio trabalho. Segundo eles, Helly - outra trabalhadora - apenas deve olhar para a tela até que uma sensação esquisita a atinja. Assim, “[...] o objeto (Gegenstand) que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta como um ser estranho, como um poder independente do produtor” (Marx, 1932, p. 80).

O ambiente estético da empresa reforça essa monotonia e repetitividade com paredes totalmente brancas e corredores intermináveis – uma construção que remete a um labirinto –, aumentando o caráter impessoal da força de trabalho. Além disso, há uma divisão espacial na Lumon que dificulta o trânsito pelos setores e a criação de vínculos – os funcionários são advertidos quando isso ocorre. Para favorecer esse distanciamento, é fomentado entre os departamentos uma certa rivalidade.

A chegada de Helly à Lumon abala a rotina monótona dos personagens, pois ela não aceita essa realidade alternativa e tenta de inúmeras formas se demitir - o que só pode acontecer com a autorização

da persona externa dos (as) trabalhadores (as). Isso porque o procedimento não é nenhum segredo. Fora dos muros da Lumon todos sabem da ruptura, inclusive as versões externas dos funcionários.

O procedimento, no entanto, é polêmico e há grupos sociais que protestam contra essa política. “Mark externo” é questionado mais de uma vez acerca disso, não possuindo respostas. Ele se irrita com tantas perguntas e se mostra muito conformado e nem um pouco interessado em descobrir o que faz em seu misterioso trabalho. Dentro da empresa, porém, o “Mark interno” começa a ouvir os questionamentos da nova funcionária e, junto a seus outros colegas, embarca em uma jornada de tomada de consciência que culmina em uma revolução.

Vale ressaltar que há aqueles dentro da Lumon que não sofreram o processo de ruptura, ou seja, permanecem com suas memórias intactas, tendo consciência do processo produtivo como um todo – os funcionários do alto escalão, por exemplo. Eles apropriam-se da força de trabalho e das memórias dos (as) trabalhadores (as), sendo perceptível a divisão de classe no interior da empresa.

Assim, observa-se na série, refletindo a ideia de Marx (1932, p. 82-83), que

[...] o trabalho é externo (äusserlich) ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser, que ele não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua physis e arruína o seu espírito. O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. Está em casa quando não trabalha e, quando trabalha, não está em casa.

Durante os episódios, isso é reforçado ainda pela pouca consciência, por parte dos (as) funcionários (as), da atividade realizada na empresa, havendo uma separação entre o produto do trabalho e o (a) próprio (a) trabalhador (a). As personagens “são controladas pela técnica de dominação neoliberal que visa explorar não apenas a jornada de trabalho, mas a pessoa por completo, a atenção total, e até a própria vida” (Facas, 2020, p. 72-73). Dessa forma, a série ilustra bem que o

trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador.

92

GUIMARÃES-JUNIOR, S.; SANTOS, A.M.J.; DUARTE, A.S.; SILVA, C.V.C.L.; COSTA, I.C.F.; ARAÚJO, J.S. *Capturas subjetivas no interior do labirinto corporativo: uma análise fílmica a partir de “ruptura”*. R. Laborativa, v. 13, n. 2 p. 85-115, out./2024. <http://ojs.unesp.br/indexphp/rlaborativa>

Produz beleza, mas deformação para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas lança uma parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro e faz da outra parte máquinas. Produz espírito, mas produz imbecilidade, cretinismo para o trabalhador (Marx, 1932, p. 82).

Por isso, a obra mostrou-se ideal para se refletir acerca da realidade do trabalho capitalista neoliberal e seus efeitos subjetivos nos (as) trabalhadores (as) que se veem cada vez mais obrigados (as) a jogar o jogo do capitalismo, aceitando condições inóspitas de trabalho para sobreviver.

"A maneira mais segura de dominar um prisioneiro é deixá-lo pensar que está livre": manifestações da ideologia neoliberal no contexto de Ruptura

Em entrevista concedida ao jornal inglês Sunday Times em 1979, Margareth Thatcher afirmou que, nos planos para efetivação dos interesses de seu governo, "a economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma". Tal assertiva expõe nitidamente que os ditames econômicos - enquanto "método", ou seja, como caminho para o alcance de determinada finalidade - não são o suficiente e que outras instâncias deveriam ser mobilizadas - a economia psíquica, portanto, nas figuras do "coração" e da "alma" - para a efetivação e fortalecimento do projeto capitalista neoliberal. Nesse sentido, o *modus operandi* concorrencial e a gestão empresarial de si, como elementos próprios da constituição do sujeito neoliberal (Dardot e Laval, 2016a), representam fatores-chave para o alcance desses objetivos e seus desdobramentos concretos encontram nos contextos trabalhistas um terreno fértil para sua manifestação.

Júnior; Dunker, 2020, p. 7). Essa ideologia se insere profundamente não apenas na estrutura das instituições, mas também na identidade cultural, impactando a maneira como os sujeitos se relacionam com o mundo e com eles próprios. Para mais, Dardot e Laval (2016) afirmam que essa doutrina supera a interface indivíduo-sociedade, ela produz uma nova razão de mundo, ou seja, "[...] nada fica intocado pela forma neoliberal de razão e valoração [...]" (Brown, 2019, p. 16-17).

Vale salientar, portanto, que a série aqui analisada faz parte do serviço de streaming da Apple, o AppleTV+. Percebe-se como o capitalismo é hábil em absorver e comercializar críticas direcionadas a ele próprio. A indústria cultural e o mercado de entretenimento tornam-se veículos para não apenas espelhar essas críticas, mas também para transformá-las em commodities de consumo (produtos ou bens produzidos em massa para serem comercializados e consumidos pela população).

Portanto, a Lumon é, de certa forma, uma paródia da própria Apple. A empresa tem o seu próprio Steve Jobs – o Kier Egan. Um fundador venerado, presente como um guia e uma inspiração para os (as) funcionários (as). Isso pode ser justificado, pois, o controle sobre o pensamento é parte importante da dominação burguesa sobre a classe trabalhadora. O elemento de maior participação na dominação ideológica dos (as) funcionários (as) da Lumon é a alienação. No ordenamento dessa empresa em questão, entendemos que “o corpo é alienado e coisificado” (Facas, 2020, p. 65).

No terceiro episódio, Helly, sem ver sentido na divisão entre eu-interno e eu-externo, é levada, junto aos outros funcionários, à ‘Ala da Perpetuidade’, um verdadeiro museu da Lumon. Lá, Irving, um ‘sujeito de desempenho’ – “um trabalhador inteiramente implicado no processo produtivo, não apenas com competência cognitiva, mas também emocional. [...]” (Han, 2018a; Dardot e Laval, 2017, 2016 apud Facas, 2020, p. 66) – relata sua experiência após acordar do procedimento de ruptura. Ele alega que, após o processo, sentia-se vazio por não possuir uma história. No entanto, ao visitar a referida ala e testemunhar “o bem que a Lumon faz à humanidade”, ele pôde encontrar um sentido. Nele, observa-se “um ideal de perfeição inalcançável [...]. Uma vida sem sentido, com afetos colonizados e deslocados para o cumprimento dos imperativos falaciosos da dinâmica desempenhar-para-ser” (Facas, 2020, p. 64).

Essa busca pela perfeição fez Irving recusar viver um romance com um colega porque o manual da empresa proibia. Irving também foi o último a aceitar participar da revolução que eles planejaram – que será melhor debatida a posteriori – porque foi difícil retirá-lo desse culto à

empresa. A série retrata como “[...] a grande inovação da tecnologia neoliberal é vincular diretamente a maneira como um homem ‘é governado’ à maneira como ele próprio ‘se governa’” (Dardot e Laval, 2016, p. 327).

Uma outra parte da ‘Ala da Perpetuidade’ é voltada para a exaltação do Kier – há uma réplica da casa dele, incluindo o quarto. Kier é uma figura sobrenatural e, ao mesmo tempo, muito humana; tudo isso gera uma admiração junto a uma identificação com os (as) funcionários (as). “O efeito esperado por essas práticas de gestão do novo sujeito é fazer com que o sujeito passe a trabalhar para a organização como se trabalhasse para si mesmo” (Facas, 2020, p. 67).

E isso é mostrado, também, por meio de pinturas. Em um episódio, há uma pintura em que o Kier é visto com a esposa – quando a Lumon era apenas uma fábrica de éter – produzindo compostos químicos. Por mais paradoxal que seja, essa é uma das estratégias desse processo ideológico de alienação do (a) trabalhador (a): criar um distanciamento junto a uma identificação com esses líderes.

Esse conceito pode ser extrapolado para além da ficção, encontrando paralelos no que é conhecido como o chamado ‘mito da garagem’. Muitas empresas dos Estados Unidos da América (EUA) narram que foram fundadas em uma garagem por jovens inexperientes com mentes brilhantes. Essa é a representação crescente do que se entende popularmente como empreendedorismo: como essas pessoas aparentemente “começaram do zero” e alcançaram o sucesso quando, na realidade, muitos eram jovens provenientes de famílias ricas. É a narrativa da meritocracia que, ideologicamente, a Lumon reproduz. Esse discurso apresenta problemas sociais “como desafios a serem superados por meio do esforço e proatividade individuais, despolitizando as relações sociais [...]” (Coan, 2011 apud Facas, 2020, p. 71).

Em vários momentos da série é notória a presença do poder psicopolítico. Esse poder, de acordo com Han (2018a apud Facas, 2020), faz com que os sujeitos não se vejam enquanto submissos, como se não existisse coerção na rede de poder na qual encontram-se inseridos. Pelo contrário, o sujeito é incentivado a se expressar. E esse poder é mais incisivo do que o repressor, considerando que não é visível. Um exemplo

dessa situação na série é um determinado momento no qual a chefe fala: "A maneira mais segura de dominar um prisioneiro é deixá-lo pensar que está livre" (Ruptura, 2022).

Esta forma de exercício de poder pode ser reconhecida no trabalho plataformizado, uma das facetas mais extremas da precarização do trabalho na atualidade neoliberal. O discurso predominante nessa modalidade se apoia na ideia de autonomia e na promoção da liberdade pelo trabalho. Todavia, existem contradições que aparecem nessa complexa dinâmica, uma vez que a promessa de liberdade aos trabalhadores descritos como "autônomos", permite que a exploração seja mascarada como escolha pessoal.

O sujeito trabalhador, ao não se enxergar como um sujeito submisso e intensamente controlado por mecanismos disciplinares, acredita que está exercendo sua liberdade individual por ter um certo poder de decisão sobre alguns aspectos de seu trabalho, como a possibilidade de flexibilizar seus horários. No entanto, por ser o retorno financeiro, muitas vezes, insuficiente, tais trabalhadores veem-se obrigados a estender sua jornada de trabalho para conseguirem o mínimo de sustento. Desse modo, os mecanismos de controle são refinados e exercidos de formas menos rígidas, por vezes disfarçados sob a forma de determinados desafios e/ou bonificações que, dentre outras coisas, procuram regular e intensificar seus níveis de produtividade.

A promessa do empreendedorismo e do sujeito dono de si, na prática, destitui os trabalhadores de seus direitos essenciais (Guimarães Junior, Carrara e Rocha, 2022). E é cruel que esse discurso seduza, com maior êxito, particularmente aqueles que vivem em uma acentuada vulnerabilidade social (Abílio, 2020) disseminando a crença de que o sucesso desses sujeitos depende exclusivamente deles mesmos, quando, na verdade, eles estão imersos em um cenário repleto de contradições e obstáculos estruturais.

Percebe-se, na ficção e na realidade, que "[...] o trabalho seria a via que possibilitaria sucesso e uma realização plena, e a organização o espaço privilegiado para a superação indefinida dos seus próprios limites" (Facas, 2020, p. 68). Essa lógica de que trabalhar arduamente é o ideal se

aproxima do que Marx denominou de ideologia, que leva o sujeito a trabalhar até a exaustão ou além. Porém, o trabalho estranhado e a situação de exploração são, de algum modo, balanceados pelo reconhecimento do sujeito como alguém que tem valor. Trata-se, portanto, do que se aproxima da chamada ética do dever.

Essa temática está presente na série em praticamente todos os momentos – como parte principal ou como seu permanente background. Por exemplo, quando o “Mark interno” descobre que seu melhor amigo Petey não está mais na empresa: uma notícia chocante porque eles não haviam sido avisados. Contudo, quando Mark é informado que seria promovido ao cargo antes ocupado por Petey, ele fica feliz e se sente valorizado.

Outro exemplo são as premiações para cada ‘conquista’ dos (as) empregados (as): quando um (a) funcionário (a) atinge a marca de 75% na codificação, ganha uma ‘festa dos waffles’ e, logo no primeiro episódio, o personagem Dylan já está comentando sobre como ganhará o prêmio e que Helly não deveria nem tentar vencê-lo – evidencia-se, nesse momento, a competitividade e individualização, elementos fundamentais da constituição subjetiva da figura do sujeito neoliberal (Facas, 2020). Em outra situação, quando Helly termina de codificar todos os arquivos e chega aos 100% pela primeira vez, um vídeo do fundador da Lumon aparece na tela e os (as) funcionários (as) se emocionam, comemoram em conjunto e parecem estar em uma espécie de transe.

Segundo Harvey (1989), quem detém os meios de produção utiliza as bonificações como estratégia para lidar com as lutas de classe que podem surgir, “uma modelagem para que os sujeitos consigam suportar as condições que são impostas” (Facas, 2020, p. 69). Esse diálogo de Ruptura (2022) ilustra bem isso:

Mark: Achei que você estava começando a gostar daqui.

Helly: Por que eu fiz o negócio dos números?

Mark: Você conquistou uma vitória. Muitos se realizam assim.

“Quem define as práticas materiais, as formas e os sentidos do dinheiro, do tempo ou do espaço fixa certas regras básicas do jogo social”

(Harvey, 1989, p. 207) e, além disso, controlam as instituições. Em uma cena da série, um jornal está realizando uma matéria sobre o processo de ruptura, entretanto, o âncora não consegue questionar porque a funcionária da Lumon foge das perguntas. Ao assistir pela televisão, o “Mark externo” se recusa a ouvir críticas direcionadas à empresa na qual trabalha e desliga o aparelho. Seguindo essa mesma lógica, ele encontra na rua um grupo de jovens protestando contra a Lumon e prontamente defende a empresa. Ele “[...] não percebe claramente qualquer instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. Não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo [...]” (Facas, 2020, p. 68).

Marx argumentou que a estrutura e dinâmica do sistema capitalista levam as massas a participarem do sistema de exploração de forma inconsciente devido às relações sociais e ideológicas estabelecidas pelo capitalismo – isto é, uma falsa consciência. Pode-se notar aspectos de uma servidão voluntária com base na ideia de Espinosa: a luta pela servidão como se fosse pela liberdade (Espinosa, 1667).

Em um momento no qual a “Helly interna” entra no elevador para finalizar seu primeiro dia de trabalho na Lumon, uma sensação inexplicável a domina. Ela não consegue compreender o que aconteceu quando se percebe no mesmo local, porém chegando na empresa sem experienciar o mundo-fora-do-elevador. Isso ocorreu porque, como exposto, as versões externas dos (as) funcionários (as) assumem o controle e as internas retornam apenas no início do novo dia de expediente, já no elevador. Ao questionar Mark, ele informa que o final de semana já havia passado, deixando Helly assustada. Mark tenta confortá-la, sugerindo que ela se acostumará e aconselhando-a a focar nos efeitos do sono, já que eles não podem vivenciá-lo. Logo, o “Mark interno”

também não se via como explorado ao não ter o direito básico a dormir, e sim como uma situação normal. Observa-se, novamente, a ausência de consciência sobre a própria situação de exploração no trabalho. E, para a Lumon, “essa exploração da liberdade é mais bem-sucedida (e produz maior lucro) do que explorar alguém contra a própria vontade” (Facas, 2020, p. 68-69).

Dessa maneira, entende-se que, “sob o neoliberalismo, a coerção é internalizada, de modo que os sujeitos se autorreficam sob a égide da lógica da mercadoria” (Franco et. al., 2020, p. 41). Porém, a ideia de alcançar a liberdade permanece, mas agora enquanto máxima a ser alcançada individualmente, isto é, “uma falaciosa promessa de liberdade” (Facas, 2020, p. 67). Isto posto, percebe-se a realidade representada na ficção.

Esse ambiente de trabalho adoecedor incide também sobre a dimensão psicológica do (a) trabalhador (a). Diversas formas de gestão fundamentadas em dinâmicas patogênicas estão presentes no mundo do trabalho e, como exemplo, mostra-se pertinente citar as práticas assediadoras no ambiente laboral. Segundo Barreto (2005, p. 50), o assédio “é um processo, mediado por palavras, símbolos e sinais, que estabelecidos, impõem ao outro a obediência cega sem questionamentos ou explicações”. O assédio produz um ambiente hostil, podendo refletir-se nas relações entre os (as) trabalhadores (as) envolvidos (as), no desempenho profissional e na vida pessoal.

Dentre a polissemia que cerca o termo ‘violência’ – podendo se configurar como violência física ou sexual – existe também a violência psicológica (Soboll, 2008), cujo caráter subjetivo e complexo dificulta sua identificação; sendo esta fortemente marcada pela subjugação. As formas

de manifestação do assédio moral podem ser diversas, porém, essa dinâmica é fundamentada, principalmente, no intuito de coagir, humilhar, ameaçar ou constranger (Barreto, 2012). Pode-se mostrar de maneira individual, coletiva, explícita ou sutil e, irrevogavelmente, é uma forma de exercer poder sobre o outro. Os atos de violência podem ocorrer sob um disfarce em que a sutileza encobre a verdadeira natureza da violência. Isso porque as formas de violência sutis se mostram mais eficientes, uma vez que são dificilmente identificadas (Barreto, 2012), como visto na série.

A estrutura organizacional é pensada no domínio sobre o outro e, como recurso, menciona-se políticas de afastamento entre os (as) trabalhadores (as). “As redes de comunicação são quebradas, as vozes silenciadas, impedindo ao assediado questionar e falar até mesmo com seu colega mais próximo” (Barreto, 2012, p. 52). A opressão implementada na gestão é capaz de moldar as relações entre os sujeitos trabalhadores em favor do assediador de modo que, em razão do medo, os (as) trabalhadores (as) se tornam omissos perante a violência exercida sobre um colega (Soboll, 2008). O afastamento físico e emocional impede a criação de senso de coletividade, evitando um eventual surgimento de movimento de resistência ou contestação frente às autoridades, como nota-se em Ruptura (2022). “No isolamento, na ruptura do coletivo, na individualização encontra-se o núcleo da violência psicológica no trabalho” (Soboll, 2008, p. 112).

Enquanto o assédio moral envolve uma dinâmica de violência e opressão contra um indivíduo ou um grupo, o assédio organizacional remete a uma dimensão do sistema empresarial, referente ao quanto o ambiente laboral está suscetível a situações de violência e em que nível ela está implantada (Soboll, 2008).

Os conteúdos presentes em Ruptura ilustram bem essa lógica. A Lumon possui um sistema de advertência e recompensa: quando os (as) funcionários (as) atingem uma meta eles (as) são recompensados(as) e quando cometem um erro são punidos (as). Uma das punições ocorre na Sala de Descanso, situação temida pelos (as) funcionários (as). Lá eles (as) passam por uma sessão de uma verdadeira tortura psicológica na qual são obrigados (as) a repetir um pedido de desculpas ininterruptamente, sendo privados de água, comida e sono. Toda essa situação leva-os (as) a um estado de extrema exaustão física e mental, acarretado por práticas fundamentadas no assédio organizacional.

Embora pareça que esse cenário é minimizado na vida real, há inúmeras semelhanças entre ele e o sistema organizacional neoliberal. Esse sistema torna o trabalho precarizado, fundamentando-se no imperativo da produtividade, com metas abusivas e modos patogênicos de gestão. Essa busca incessante pela produtividade máxima faz com que as empresas submetam seus (suas) funcionários (as) a diversas violências e punições que, como dito, são legitimadas pelo discurso da eficiência a todo custo. Esse discurso é perverso porque despreza os limites biopsicossociais do ser humano, levando ao estabelecimento de um ambiente que favorece o assédio (Franco, Druck e Seligmann-Silva, 2010).

Na série, diante da representação dessa cultura, a personagem Helly envia um pedido de demissão que é recusado por sua externa. Devido a essa atitude, ela recebe sanções na Sala de Descanso durante um dia, mas persiste em encontrar saídas para se desvincular da empresa. Em certo momento a câmera foca no nome, em inglês, da sala: 'Breaking room'. Uma possível reflexão, aqui, pode ser se esse nome não remete a

como os (as) trabalhadores (as) da Lumon são 'quebrados (a)' nesse ambiente e uma vez submetidos (as) ao procedimento de ruptura.

Após inúmeras tentativas de fuga frustradas, Helly tenta cometer suicídio no elevador, mas é impedida pela segurança da empresa. Essa cena é uma caricatura da realidade, pois, segundo um levantamento realizado com 300 empresas, pela Mental Clean – Consultoria de Saúde Mental no Trabalho –, divulgado pelo G1 (2023), houve um aumento de 367% nos índices de tentativa e ideação suicidas em 2023. Isso mostra como a lógica neoliberal é adoecedora e como os conteúdos ficcionais presentes na referida série televisiva servem de potentes subsídios para análises críticas acerca dos efeitos nocivos das novas formas de organização do trabalho para a saúde mental da classe trabalhadora.

Os 'Saberes Psi' Como Frente Estratégica Para a Efetivação do Projeto Neoliberal

O papel desempenhado pela Psicologia Organizacional do Trabalho (POT) tem sido objeto de crescentes críticas, especialmente no âmbito acadêmico. As convergências entre as críticas à atuação do (a) psicólogo (a) nesse âmbito profissional e a dinâmica disciplinar presente em ambientes de trabalho destacam elementos que se entrelaçam em uma rede complexa de controle e tecnologias disciplinares.

As críticas dirigidas à teoria da administração científica a rotulam como um instrumento que explora o ser humano em favor da maximização da produtividade. A visão predominante aponta para uma abordagem que, ao invés de transformar a estrutura produtiva para atender às necessidades humanas, elimina o sujeito – consequentemente, sua subjetividade –, a fim de torná-lo dócil, alienando-o a favor da eficiência capitalista. Codo (1984) argumenta que a Psicologia, longe de

102

GUIMARÃES-JUNIOR, S.; SANTOS, A.M.J.; DUARTE, A.S.; SILVA, C.V.C.L.; COSTA, I.C.F.; ARAÚJO, J.S. *Capturas subjetivas no interior do labirinto corporativo: uma análise fílmica a partir de "ruptura"*. R. Laborativa, v. 13, n. 2 p. 85-115, out./2024. <http://ojs.unesp.br/indexphp/rlaborativa>

atuar como agente de transformação, atua como cúmplice na exploração do (a) trabalhador (a), ou seja, um “instrumento adicional de exploração” (p. 196). Subverte-se, assim, a função teórica dos (as) psicólogos (as) organizacionais, primordialmente tidos como sujeitos em busca da satisfação das necessidades humanas no trabalho, transformando-os em um instrumento de amorfização do indivíduo à imagem da organização.

A análise se estende à aplicação de mecanismos disciplinares nas organizações. Pode-se, a partir da perspectiva de Foucault (1987), argumentar que o controle disciplinar se tornou uma técnica, integrando-se aos sistemas de poder e os tornando automáticos, anônimos e absolutos. Faz-se possível, dessa forma, o alinhamento de paralelos entre as ressalvas à POT e os mecanismos disciplinares. Assim, associa-se ao menos dois instrumentos nesse quadro: testes/exames e a docilização/adestramento.

Foucault (1987) descreve o exame como uma técnica que permite a observação detalhada e a classificação dos indivíduos – um meio de estabelecer hierarquias e normalizar comportamentos. As instituições podem classificar os indivíduos com base em critérios específicos, identificando aqueles que se enquadram nas normas desejadas e punindo ou recompensando de acordo. O exame não é apenas uma avaliação, é uma prática que gera conhecimento sobre os indivíduos examinados. Esse conhecimento, por sua vez, é uma forma de poder. Aqueles que conduzem os exames têm o poder de classificar, rotular e controlar os ‘examinados’, estabelecendo normas e padrões. A Psicologia participa histórica e ativamente na normalização dos comportamentos, moldando o corpo social do ambiente de trabalho, muitas vezes a serviço de interesses capitalistas em prol da ordem social e econômica estabelecida.

103

GUIMARÃES-JUNIOR, S.; SANTOS, A.M.J.; DUARTE, A.S.; SILVA, C.V.C.L.; COSTA, I.C.F.; ARAÚJO, J.S. *Capturas subjetivas no interior do labirinto corporativo: uma análise fílmica a partir de "ruptura"*. R. Laborativa, v. 13, n. 2 p. 85-115, out./2024. <http://ojs.unesp.br/indexphp/rlaborativa>

No bojo de suas teses críticas, Codo (1984) salienta que a aplicação de testes é parte fundamental nos manuais de Psicologia Industrial para o aumento da produtividade, bem como para a manutenção dos mecanismos disciplinadores.

Paralelamente ao desenvolvimento dos métodos de seleção, deve ocorrer, como aconselham os manuais de Psicologia Industrial, uma avaliação periódica de desempenho, com a função de orientar as possíveis promoções e, ao mesmo tempo, funcionar como teste periódico, avaliando os critérios da seleção e retroalimentando o sistema. O resultado previsto é o aumento da eficiência, partindo do pressuposto de que um indivíduo desempenha tanto melhor quanto melhor adaptado estiver à sua função (Codo, 1984, p. 196).

Já a disciplina molda os indivíduos, é a técnica especializada em um poder que utiliza as pessoas simultaneamente como alvos e como ferramentas para sua prática. Nesse sentido, os (as) psicólogos (as) são ao mesmo tempo adestradores (as) e adestrados (as). A série Ruptura ilustra bem essa ideia: na sala de Bem-Estar – local onde ocorrem as sessões de ‘terapia’ na empresa – há uma câmera escondida para observar tanto a ‘terapeuta’ Sra. Casey quanto o (a) funcionário (a) em tratamento. Essa rede também é autossustentável. A disciplina não é apenas uma imposição externa de regras, mas também um mecanismo interno que direciona o comportamento das pessoas. Esse poder disciplinar atua de maneira a substituir o brilho das manifestações individuais/subjetivas pela constante vigilância e observação, representada pelo “jogo ininterrupto dos olhares calculados” (Foucault, 1987, p. 202).

Foucault (1987) argumenta que a disciplina é mais do que simplesmente a punição, é um sistema que molda as subjetividades, os corpos e os comportamentos ao criar uma dinâmica social em que a conformidade é mantida por meio de sanções e da internalização das normas – da autorregulação. Em Ruptura, nota-se na personagem Sra. Casey o quanto ela introjetou as normas da Lumon: ao liderar terapias de bem-estar, usa métodos permeados por regras e tensões, sendo uma das personagens com o comportamento mais robótico e apático de toda a série.

Após a tentativa de suicídio da funcionária Helly, a Sra. Casey fica encarregada de observá-la. Em determinada cena, diz “Eu devo observá-la em busca de sinais de tristeza e incentivá-la verbalmente a desistir de futuras tentativas de suicídio. A pedido, também posso oferecer um abraço” (Ruptura, 2022). Nota-se explicitamente sua função: normalizar o estado de subserviência pelo qual Helly passa. Ela não está ali para se conectar à Helly. O que importa é a continuidade das atividades do interno na Lumon, sem interrupções. Como não articular tal ideia a uma crítica ao atual estado de inércia de alguns profissionais de Psicologia diante dos crescentes níveis de adoecimento psíquico no trabalho?

Codo (1984, p. 200) evidencia esse viés de supressão da subjetividade do (a) trabalhador (a):

O que se vê na fábrica quando o objeto de estudo são os operários, quantitativamente a esmagadora maioria dos trabalhadores e qualitativamente os responsáveis diretos pela produção, não é nenhuma tentativa de adaptação do indivíduo à indústria, pelo contrário, trata-se da eliminação do indivíduo que trabalha, pelo menos do ponto de vista psicológico.

O “[...] psicólogo industrial é um empregado do patrão [...]. Por isto mesmo, o psicólogo consciente deveria estar na indústria refletindo conscientemente para tentar subverter suas funções” (Codo, 1984, p. 197). Profissionais da Psicologia, nesse sentido, devem ocupar esse lugar de forma crítica e serem atuantes na tarefa de conscientização do (a) trabalhador (a), garantindo e promovendo mecanismos para a luta pela saúde e defesa da dignidade no trabalho, tão negligenciadas no sistema atual. Conclui-se que é necessário repensar não apenas a atuação do (a) psicólogo (a) do trabalho, mas também os sistemas de controle disciplinar que moldam as relações laborais, visando uma abordagem mais humanizada e emancipatória na intenção de que a Psicologia efetive seu compromisso social e ético-político e não represente um instrumento estratégico para a efetivação e continuidade do projeto neoliberal e seus modos tentaculares de expropriação e exploração da vida/trabalho.

Conclusão

A chegada da personagem Helly à Lumon é marcada por sua inquietação e não aceitação das condições de trabalho deletérias. Ao longo

dos episódios, as demais personagens começam também a se questionar sobre o real significado do trabalho que realizam. Esse movimento é intensificado pela leitura de um livro que fomenta ainda mais o sentimento revolucionário. Em uma das cenas, o protagonista lê a seguinte passagem:

O que separa o homem da máquina é o fato das máquinas não pensarem por si próprias. E, também, são compostas por metal, sendo o homem feito de pele. Se você for soldado, não lute pela minha liberdade. Lute pela liberdade do soldado no combate ao seu lado. Assim, a guerra se tornará mais inspiradora para ambos. Uma boa pessoa segue as regras. Uma pessoa extraordinária segue a si mesma [...]. se estiver se contorcendo para se encaixar em um sistema, prezado leitor, pare e pergunte se é realmente você que precisa mudar ou se é o sistema (Ruptura, 2022).

Por meio da comunicação com outros setores e empregados (as) da empresa – prática veementemente proibida pelos superiores – “Mark interno” e seus companheiros se organizam e planejam uma ação em resposta à rigidez e à postura totalitária que impera na Lumon: reverter momentaneamente o procedimento da ruptura para que seus externos tenham a memória reintegrada e, assim, entendam o que de fato está por trás da empresa. Em um dos momentos de interação com outros funcionários, o protagonista diz: “Se a filosofia do Eagan é iluminação acima de tudo, então por que isso não inclui a gente? Por que nós estamos aqui, ainda, trabalhando no escuro?” (Ruptura, 2022). Logo, a ação é colocada em prática, levando ao clímax do enredo e anunciando pistas para as próximas temporadas da série.

A desconexão emocional e mental entre o trabalho e a vida fora dele, representada na série pela divisão literal da memória das personagens, reflete a alienação a que muitos trabalhadores (as) encontram-se cotidianamente submetidos (as). As situações de controle excessivo, vigilância constante e falta de reconhecimento das personagens ecoam desafios reais, como efeitos da precarização social do trabalho, o aumento dos índices de sofrimento psíquico relacionado ao trabalho, fragmentação de vínculos cooperativos e o esvaziamento de relações de trabalho significativas.

Embora fictícia e distópica, a dinâmica apresentada na série é uma

metáfora apropriada para se refletir acerca da organização coletiva da classe trabalhadora na atualidade neoliberal. Frente a um sistema que é alimentado pela desigualdade e exploração de outras pessoas, a resistência dessa classe que surge – “[...], principalmente, quando a ofensiva do capital se intensifica e tensiona os limites das capacidades físicas e mentais dos trabalhadores” (Braverman, 1977 apud Guimarães Junior; Carrara; Rocha, 2022, p. 847) – é crucial.

Em *Ruptura* (2022), antes da revolução, é possível perceber formas de resistência criadas pelos (as) funcionários (as) para suportar as múltiplas formas de violências às quais encontram-se submetidos (as). Em um determinado momento da obra, a personagem Dylan compartilha com seus colegas sua estratégia para escapar mais rapidamente da Sala de Descanso: “O que [você] tem que fazer é enganar a máquina pensando em alguma coisa que se arrepende de verdade” (*Ruptura*, 2022).

Assim, através da articulação e reconhecimento de si e de seus colegas de trabalho enquanto apenas uma peça na máquina que é a Lumon – e, de modo mais amplificado, como engrenagens do próprio sistema capitalista neoliberal –, as personagens passam por um processo de tomada de consciência que é dificultado pelo procedimento da ruptura e pela forte manipulação ideológica da empresa mas que, ainda assim, se faz possível – como espera-se que ocorra na vida real.

Por ser o capitalismo e seus arranjos ideológicos forças de cunho hegemônico, é difícil escapar do pensamento fatalista de que este sistema é o que há de possível. A faceta neoliberal com seus valores individualistas e meritocráticos tenta extinguir até a possibilidade de organização e articulação daqueles que são afetados por sua sordidez. Entretanto, se pode o capitalismo se retroalimentar, fazendo de suplemento as críticas a ele dirigidas, experiências recentes demonstram esse potencial também no seio da classe trabalhadora. Um exemplo oportuno dessa potencialidade é o Conselho Federal de Psicologia (CFP), que, em conjunto com outras entidades da área, tornou pauta prioritária a jornada laboral de até 30 horas semanais para psicólogos(as), que lutam pela aprovação da medida no Congresso Nacional (Brasil, 2019).

Essa luta não se trata de um pleito da Psicologia, mas dos (as) trabalhadores (as) como um todo: a redução das jornadas de trabalho,

107

propondo-se modelos mais equilibrados que proporcionem mais qualidade de vida, é uma luta coletiva e ampla que envolve diferentes segmentos do campo social. As discussões acerca dos sacrifícios exigidos pelas demandas profissionais têm gerado diversas mobilizações que podem, e muito, inspirar mobilizações mais amplas e coletivas da classe trabalhadora.

Evidencia-se, assim, a importância dos sindicatos enquanto ferramenta de organização dos (as) trabalhadores (as) – sua potência permite o fortalecimento do coletivo e a participação ativa de trabalhadores (as) nas demandas e lutas da categoria profissional. Ainda assim, formar comitês locais – e, à luz de Ruptura, de setores específicos, como vemos com a personagem Mark e seus colegas –, dentro do próprio local de trabalho, pode ser uma maneira muito eficaz de articular solicitações, exigências e objetivos. Esses grupos podem ser um ponto de partida para discussões sobre as condições de trabalho e, igualmente, para a busca de soluções e o manejo de conflitos internos. Essas ações coletivas de mobilização, mesmo que a nível local em um primeiro momento, servem para a comunicação, de forma participativa e democrática, da classe trabalhadora e colaboram para a troca de relatos, experiências e para a criação de vínculos cooperativos no trabalho – mesmo diante das ofensivas concorrenciais pautadas na ética do individualismo.

Foi através dessas trocas, por exemplo, que o Movimento Vida Além do Trabalho (VAT), que busca o fim da escala 6x1, surgiu – trabalhadores (as) esgotados (as) física e mentalmente, através de uma campanha de abaixo-assinado, tencionaram os debates acerca das consequências da escala 6x1 na saúde mental, denunciando as consequências nocivas das longas jornadas exaustivas para a saúde e bem-estar da classe (Azevedo, 2024). Vê-se, logo, que a criação de alianças com as mais diversas categorias, movimentos e atores políticos é de suma importância para o fortalecimento das reivindicações. Quando grupos distintos se unem por uma causa em comum a pressão exercida sobre as autoridades e empregadores tende a ser maior. Além disso, trabalhadores (as) também podem utilizar das ferramentas legais disponíveis, como ações judiciais ou denúncias formais, para garantir que os direitos sejam respeitados – o amparo na

legislação trabalhista existente e o papel dos sindicatos, por exemplo, são ferramentas muito úteis para a formulação dessas ações.

No entanto, o instrumento mais poderoso para a libertação dos trabalhadores (as) das amarras da exploração, como visto na série aqui analisada, é a sua formação política e social. Ao entender melhor seus direitos e o papel que ocupam dentro do sistema neoliberal, tornam-se capazes de articularem-se entre si e empoderam-se para lutar por suas demandas de forma coerente, coletiva e persistente. O fortalecimento do senso de comunidade e do apoio mútuo da classe trabalhadora é um passo importante para qualquer mobilização bem-sucedida sob o sistema neoliberal.

Evidencia-se, portanto, que o potencial de reinvenção, muitas vezes delegado ao sistema, também está presente naqueles que por este são oprimidos, explorados e dominados, mas que resistem. É necessário que se coloque em pauta a hegemonia do capitalismo neoliberal e que se aposte nas brechas possíveis para a imaginação e criação de outros mundos possíveis. Por que (e como) um sistema como este, insustentável ecologicamente, sustentado por crises, e que fez e faz vítimas aos montões, beneficiando apenas uma micro parcela da sociedade, ainda se mantém de pé? Possibilidades de articulação como essas refletem um lampejo de esperança de uma sociedade crítica e politicamente mais ativa, cujos grupos que a compõem possam pautar suas demandas e torná-la socialmente mais justa e igualitária. Importante salientar, por fim, que a Psicologia, enquanto ciência e profissão e instrumento de transformação social, tem o dever ético-político e o compromisso social de conectar-se com esses grupos e movimentos de luta plurais a favor da vida digna, da defesa da saúde, da luta por direitos e, no limite, pela própria sobrevivência.

Referências

ABÍLIO, L. C. Uberização e Juventude Periférica: Desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 579-597, set.-dez. 2020. Disponível em:

109

GUIMARÃES-JUNIOR, S.; SANTOS, A.M.J.; DUARTE, A.S.; SILVA, C.V.C.L.; COSTA, I.C.F.; ARAÚJO, J.S. *Capturas subjetivas no interior do labirinto corporativo: uma análise fílmica a partir de "ruptura"*. R. Laborativa, v. 13, n. 2 p. 85-115, out./2024. <http://ojs.unesp.br/indexphp/rlaborativa>

<https://www.scielo.br/j/nec/a/zwB63zdGw9nNzqPrS7wFsMN/>. Acesso em: 15 set. 2024

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

AZEVEDO, G. VAT: Saiba tudo sobre o Vida Além do Trabalho| Entenda a Trend. **O Globo**, 10 jan. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/fotogalerias/noticia/2024/01/10/vat-saiba-tudo-s-obre-o-vida-alem-do-trabalho-or-entenda-a-trend.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2024.

BARRETO, M. M. S.. **Assédio moral**: a violência sutil - análise epidemiológica e psicossocial no trabalho no Brasil. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 236p. 2005.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2017. 508p.

BENTO, M. A. **O pacto da branquitude**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, È. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BROWN, W. Introdução. In:_____. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. Santos: Editora Filosófica Politeia, 2019. p. 9-32.

BRASIL. **Câmara dos Deputados**. Projeto de Lei nº 1214, de 27 de fevereiro de 2019. Acrescenta artigo à Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962, que "Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo", para fixar a duração do trabalho

110
GUIMARÃES-JUNIOR, S.; SANTOS, A.M.J.; DUARTE, A.S.; SILVA, C.V.C.L.; COSTA, I.C.F.; ARAÚJO, J.S. *Capturas subjetivas no interior do labirinto corporativo: uma análise fílmica a partir de "ruptura"*. R. Laborativa, v. 13, n. 2 p. 85-115, out./2024. <http://ojs.unesp.br/indexphp/rlaborativa>

do Psicólogo em até trinta horas semanais. Brasília: Câmara dos Deputados, 2019. Disponível em: [CHAUÍ, M. **Sobre o direito à preguiça**. In: NOVAES, A. \(org.\). *Mutações: Elogio à preguiça*. São Paulo: Edições SESC, 2012. p. 1-36. Disponível em: <https://artepensamento.ims.com.br/item/sobre-o-direito-a-preguica/>. Acesso em: 6 dez. 2023.](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2193342&fichaAmigavel=nao#:~:text=Ementa%3A%20Altera%20a%20Lei%20n%C2%BA,semanal%20de%20trabalho%20do%20psic%C3%B3logo. Acesso em: 15 set. 2024.</p></div><div data-bbox=)

CLEAN, Mental. **Tentativas e pensamentos de suicídio em empresas** aumentaram 367% em 2023. G1, 05 set. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/especial-publicitario/mental-clean/noticia/2023/09/05/tentativas-e-pensamentos-de-suicidio-em-empresa-s-aumentaram-367percent-em-2023.ghtml>. Acesso em: 8 dez. 2023.

CODO, W. O papel do psicólogo na organização industrial: notas sobre o “lobo mau” em psicologia. In: LANE, S. T. M.; CODO, W.. (orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 195-202.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016a. 413 p.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **Neoliberalismo e subjetivação capitalista**. *Revista Olho da História*, 22, 2016b. Disponível em: <http://oolhodahistoria.ufba.br/wp-content/uploads/2016/04/dlneoliberalismo.pdf>. Acesso em: 04 de mai. de 2020.

111
GUIMARÃES-JUNIOR, S.; SANTOS, A.M.J.; DUARTE, A.S.; SILVA, C.V.C.L.; COSTA, I.C.F.; ARAÚJO, J.S. *Capturas subjetivas no interior do labirinto corporativo: uma análise fílmica a partir de "ruptura"*. *R. Laborativa*, v. 13, n. 2 p. 85-115, out./2024. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

EHRENBERG, A. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, SP: Ideias & Letras. 2010.

ESPINOSA, B. **Quarta parte**. In:_____. Ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2009 [1677]. p. 153-211.

FACAS, E. P.. Sociedade da performance e a falácia da liberdade no discurso neoliberal. In: SOUSA-DUARTE, F.; MENDES, A. M.; FACAS, E. P.. (orgs.). **Psicopolítica e psicopatologia do trabalho**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 63-75.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: O nascimento da prisão. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. 288 p.

FRANCO, F.; CASTRO, J. C. L. de; MANZI, R.; SAFLATLE, V.; AFSHAR, Y.. O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo. In: SAFATLE, V.; JUNIOR, N. S.; DUNKER, C. (orgs). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 39-68.

FRANCO, T.; DRUCK, G.; SELIGMANN-SILVA, E.. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional** [online], v. 35, n. 122, p. 229-248, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/TsQsX3zBC8wDt99FryT9nnj/>. Acesso em: 11 dez. 2023.

GUIMARÃES JUNIOR, S. D.; CARRARA, M. R. S.; ROCHA, C. D. de O..

112

GUIMARÃES-JUNIOR, S.; SANTOS, A.M.J.; DUARTE, A.S.; SILVA, C.V.C.L.; COSTA, I.C.F.; ARAÚJO, J.S. *Capturas subjetivas no interior do labirinto corporativo: uma análise fílmica a partir de "ruptura"*. R. Laborativa, v. 13, n. 2 p. 85-115, out./2024. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

Desafios e alternativas às formas de resistência e organização coletiva da classe trabalhadora em contexto de plataformização do trabalho. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 837-858, dez. 2022. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3369>. Acesso em 11 dez. 2023.

GUIMARÃES JUNIOR, S.D.; FERREIRA, J.B.O. Sujeito em terceiro plano: uma reflexão crítica acerca da articulação entre a dinâmica da terceirização e processos de subjetivação. *Rev. Psicol., Organ. Trab., Brasília*, v.18, n.2, p. 381-389, 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572018000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 mar. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.17652/rpot/2018.2.14177>.

HARVEY, D.. Tempo e espaço como fontes de poder social. In:_____. **A condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1992 [1989]. p. 207-218.

LACERDA NETO, M.S., GUIMARÃES JUNIOR, S.D., MONTEAGUDO, P.M., FERREIRA, J.B. (2021). Racismo, trabalho e psicologia: provocações ético-políticas à luz da pandemia pela COVID-19. *Psicologia para América Latina*, n. 35, p. 105-112, 2021. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2021000100009&lng=pt&nrm=iso

LEITE, N. R. P. et al.. Análise fílmica em pesquisas em administração: sabendo o porquê e como utilizá-la. *Gestão & Regionalidade*, v. 37, n. 112, set. 2021. Disponível em: <https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/r>

113

GUIMARÃES-JUNIOR, S.; SANTOS, A.M.J.; DUARTE, A.S.; SILVA, C.V.C.L.; COSTA, I.C.F.; ARAÚJO, J.S. *Capturas subjetivas no interior do labirinto corporativo: uma análise fílmica a partir de "ruptura"*. R. Laborativa, v. 13, n. 2 p. 85-115, out./2024. <http://ojs.unesp.br/indexphp/rlaborativa>

evistagestao/article/view/7666. Acesso em 02 fev. 2024.

MARX, K. Trabalho estranhado e propriedade privada. In:_____. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004 [1932]. p. 79-90.

MARX, K. **O Capital** [Livro 1]. São Paulo: Boitempo, 2013 [1867]. 894p.

MENDES, A.M. **Desejar, falar, trabalhar**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

RUPTURA [Seriado]. Direção: **Aoife McArdle e Ben Stiller**. Produção: Adam Scott e Patricia Arquette. Nova Iorque: Apple TV+, 2022. Disponível em: <https://tv.apple.com/br/show/ruptura/umc.cmc.1srk2goyh2q2zdxcx605w8vtx>. Acesso em: 1 dez. 2023.

SAFATLE, V.; JUNIOR, N. S.; DUNKER, C. Introdução. In: _____. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 5-9.

SAFATLE, V. Perto demais da redenção: depressão, flexibilidade e fim da ética do trabalho. In: NOVAES, A. (org.). **Mutações**: Elogio à preguiça. São Paulo: Edições SESC, 2012. p. 1-24. Disponível em: <https://artepensamento.ims.com.br/item/perto-demais-da-redencao-depressao-flexibilidade-e-fim-da-etica-do-trabalho/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SELIGMANN-SILVA, E., HELOANI, R. Precarização - impactos sociais e na saúde mental. In: NAVARRO, V., LOURENÇO, E. (Orgs.) **O avesso do trabalho IV**: Terceirização, precarização e adoecimento no mundo do trabalho. São Paulo: Outras Expressões, 2017.

114
GUIMARÃES-JUNIOR, S.; SANTOS, A.M.J.; DUARTE, A.S.; SILVA, C.V.C.L.; COSTA, I.C.F.; ARAÚJO, J.S. *Capturas subjetivas no interior do labirinto corporativo: uma análise fílmica a partir de "ruptura"*. R. Laborativa, v. 13, n. 2 p. 85-115, out./2024. <http://ojs.unesp.br/indexphp/rlaborativa>

SELIGMANN-SILVA, E. **Trabalho e desgaste mental**: o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez, 2011.

SENNETT, R. **A Corrosão do Caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SOBOLL, L. A. P. **Assédio moral/organizacional**: Uma análise da organização do trabalho. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. 238p.

VANOYE, F. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Papyrus Editora, 2006. 144p.

Artigo apresentado em: 12/06/2024

Versão final apresentada em: 20/09/2024

Aprovado em: 30/09/2024